# Fórum Social Mundial – A história de uma invenção política

José Corrêa Leite

São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2003

*ISABEL LOUREIRO**

Desde o primeiro Fórum Social Mundial, reunido no final de janeiro de 2001 em Porto Alegre, ao último, em Mumbai, na Índia, a grande imprensa paulista fez desse evento uma cobertura tão grotesca que requer explicação. Embora o espetáculo de desinformação esteja em parte ligado ao preconceito no tocante a tudo que fuja ao figurino neoliberal, creio que o mais decisivo é a profunda insensibilidade em relação a um fenômeno político novo que exige repensar seriamente antigas categorias. Neste ponto específico, a direita e uma parte da própria esquerda auto-intitulada "radical" se encontram. A um olhar desavisado pode parecer surpreendente o solene desprezo desta pelo maior encontro dos movimentos sociais existentes ao redor do planeta já realizado nos últimos 30 anos. Mas quem acompanha a trajetória dessa parcela da esquerda percebe que tal comportamento é a contraface do sectarismo que a levou ao mais completo e merecido isolamento.

Nesse quadro de incompreensão e desinformação generalizadas o livro de José Corrêa Leite é mais que oportuno. Como membro do Conselho Internacional do FSM ele não poderia deixar de fazer uma avaliação positiva dos Fóruns. Mas ao mesmo tempo expõe os problemas inerentes a esse tipo de iniciativa no esforço de avançar e fortalecer

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, UNESP/Marília.

uma "invenção política" que pode contribuir para a recomposição da esquerda mundial. Vejamos rapidamente o percurso do livro.

O 1º Capítulo, ao sintetizar as mudanças no processo de desenvolvimento do capitalismo no séc. XX, faz um diagnóstico das transformações dos últimos 20 anos sob o aspecto econômico, político e cultural. O objetivo é mostrar onde se encontram as raízes dos novos movimentos sociais e das lutas contra a hegemonia do capital.

O 2º Capítulo expõe a vaga de protestos iniciada pelos zapatistas em 1994 contra a reorganização da sociedade a favor do capital. Com o lema de que é possível mudar o mundo sem tomar o poder, eles foram os primeiros a mostrar que estava em curso uma grande mudança tática e estratégica no interior da esquerda. Em seguida, em dezembro de 1995, as greves do serviço público na França, com amplo apoio da população continuaram mostrando que as políticas neoliberais não se implantariam sem resistências nem mesmo no coração do sistema capitalista. Como sabemos, a vaga de protestos se avolumou no decorrer da década de 1990, tendo a juventude como protagonista, o que não se via nessa escala desde 1968.

Depois da crise financeira na Ásia em 1997 os movimentos de resistência cresceram significativamente desembocando na grande manifestação de Seattle, em dezembro de 1999, considerado o acontecimento fundador da nova era de rebeliões. Essa manifestação, que surpreendeu quem não estava envolvido com a organização dos movimentos, reuniu 50 mil pessoas nas ruas de Seattle e conseguiu paralisar a 3ª reunião ministerial da OMC – sucesso obtido graças à Internet e ao empenho de mais de mil organizações de 89 países que durante todo o ano de 1999 construíram essa ampla mobilização. Contrariamente à idéia de que o movimento antiglobalização é um carnaval da classe média universitária politizada, o que chamou a atenção em Seattle foi a convergência do movimento sindical norte-americano com sindicatos estrangeiros e diversos movimentos sociais. Nesse sentido, representou "o momento em que uma parcela dos ativistas perde a ilusão quanto à possibilidade de trabalhar em sintonia com as instituições multilaterais e suas iniciativas deixam de ter um caráter colaborativo. Ao se radicalizarem, as mais distintas iniciativas puderam convergir em um movimento contra a globalização em curso" (p. 50).

A idéia do FSM surgiu na esteira dessas mobilizações como uma tentativa de ir além do protesto, passando a propostas concretas visando superar as políticas neoliberais. O 1º FSM em Porto Alegre, no final de janeiro de 2001, articulou uma grande parte da militância esparsa pelo mundo inteiro e estabeleceu uma agenda de lutas internacionais que, embora interrompida momentaneamente pelos atentados ao World Trade Center em setembro de 2001, foi logo em seguida retomada com grande vigor,

acrescentando às antigas resistências contra a mundialização do capital a luta contra a guerra e o militarismo norte-americano.

Nos Capítulos 3 e 4, José Corrêa faz o histórico das origens do FSM, uma apresentação dos temas discutidos nos três FSM de Porto Alegre e das atividades ali realizadas. A mais importante delas foi, sem dúvida, o Acampamento da Juventude, uma experiência inédita de auto-organização que reuniu cerca de 20 mil jovens em 2003, empenhados em plantar naquele curto espaço de tempo as sementes de um mundo mais generoso e solidário. O que salta aos olhos é o sucesso da iniciativa traduzido no aumento gigantesco do número de participantes que passa dos 10 mil no primeiro Fórum para cerca de 100 mil no terceiro e no quarto, realizado em Mumbai em janeiro de 2004, cuja avaliação entrará numa próxima edição do livro.

O Capítulo 5 mapeia a situação que estava no horizonte no primeiro semestre de 2003, descreve os vários Fóruns regionais e temáticos que ocorreram durante 2002 e no primeiro semestre de 2003 e faz algumas previsões para o FSM de Mumbai que, de fato, se confirmaram: a realização do Fórum na Índia, uma aposta que parte dos organizadores temia que fracassasse, revelou-se extremamente acertada, pois trouxe "elementos de renovação e enriquecimento de agenda, discursos e práticas, além de potencializar a expansão do movimento para a Ásia" (p. 115).

No final deste capítulo, o autor procura fazer uma síntese do significado dos FSM, que retomo brevemente. Em primeiro lugar, o FSM é um espaço, não uma organização. Nele se encontram militantes dos mais variados tipos de movimentos sociais que ali encontram um espaço de articulação. Na medida em que não é uma organização, não dá diretrizes e não emite posicionamentos, pois não há assembléias que votem resoluções finais. Isso é feito para garantir a diversidade, vista por seus organizadores como uma força, não como uma fragilidade.

O FSM é um processo, não só um evento. Os fóruns regionais, continentais, temáticos se multiplicaram pelo mundo todo. É essa atividade e discussão contínuas que criam e recriam uma rede de resistências dando continuidade às lutas. Há toda uma atividade quotidiana, de lutas e resistências na surdina, ao longo do ano, envolvendo milhares de militantes, que só aparecem à luz do dia nos grandes eventos midiáticos. Essa multiplicação dos fóruns "Potencializa o ambiente que concretiza a expansão dos movimentos sociais e deste novo internacionalismo" (p. 122).

Segundo José Corrêa, o FSM tem contribuído positivamente para modificar o clima ideológico do mundo atual, "ajudando a romper com a hegemonia do pensamento e dos valores mercantis, neoliberais e crescentemente militaristas" (p. 122). Isso é possível porque o Fórum, diferentemente das organizações hierárquicas, se constitui em uma "experiência pedagógica autônoma para seus participantes" (p. 123) em que

todos podem discutir e compartilhar experiências, em igualdade de condições, mostrando que os problemas são comuns e reduzindo a sensação de isolamento no combate ao capital. É precisamente esse sentido de compartilhamento de experiências comuns que permite a incorporação de uma "nova geração política, que não conheceu as experiências, os dramas e as derrotas das correntes tradicionais de esquerda do séc. XX" (idem).

E por fim o autor aponta as contradições do processo FSM. No seu entender, elas são constitutivas dessa "invenção política", não podendo ser suprimidas nem superadas de modo voluntarista, já que fazem parte de um período de profundas transformações sociais e políticas. A mais evidente delas diz respeito à relação com os partidos políticos. Segundo a Carta de Princípios que rege o funcionamento do FSM os partidos, governos e organizações armadas não são organizadores do FSM, nem mandam delegados. Esta resolução está ancorada na idéia de que os partidos de esquerda atualmente não só não detêm o monopólio da representação política como em boa parte se encontram integrados à defesa do *status quo*, ao passo que os movimentos sociais, que não estão voltados para a disputa do poder político, são fundamentais "para uma recomposição estratégica da esquerda mundial" (p. 124). Outra justificação para deixar os partidos políticos enquanto partidos fora do espaço do FSM é que se evitam tensões difíceis de administrar. Mas, como sabem todos os que participaram dos FSM, os contatos com os partidos políticos são constantes por meio da militância que está em sintonia com os movimentos de resistência.

Um último problema que emerge do FSM é a demanda cada vez mais explícita de que ele cumpra um papel de direção. Seus organizadores se vêem forçados a repetir constantemente que o FSM não é uma direção e sim um espaço de encontro dos movimentos sociais, "uma construção horizontal de inúmeros atores coletivos" (p. 98).

O autor acredita que a esquerda mundial, cujo destino está ligado às múltiplas lutas dos movimentos contra a globalização neoliberal, só poderá se recompor a partir de baixo, desse trabalho coletivo amplo, paciente e contraditório. E mais: tudo indica que o futuro do FSM (e da esquerda mundial) estará ligado ao combate contra o imperialismo norte-americano – contra a política de "estado de sítio" que este impõe ao resto do mundo – e contra o capitalismo.

Por fim, gostaria de observar que a edição é muito bem cuidada, com uma ótima iconografia, com notas explicativas e extratos de textos de participantes dos FSM ao longo dos Capítulos 1 a 3. No final há uma bibliografia referente a cada capítulo, um apêndice com as convocatórias dos movimentos sociais, uma cronologia das lutas antiglobalização, além de uma lista com as siglas dos movimentos/organizações envolvidos no FSM, todos extremamente úteis.

LOUREIRO,Isabel. Resenha de:LEITE, José Corrêa.Fórum Social Mundial – A história de uma invenção política. São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo, 2003. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.18, 2004, p.161-164.

***Palavras-chave:*** Fórum Social Mundial; Neoliberalismo; Globalização.